

apresentação



Ao propor este número temático da revista *Em Aberto*, pretendemos fomentar a discussão de diferentes dimensões e significados da ciência e da tecnologia diante dos desafios da sustentabilidade no contexto mundial.

No mundo contemporâneo, os processos de produção industrial e agrícola, de urbanização e de globalização do mercado têm gerado imenso desenvolvimento científico e tecnológico, ampliando e complexificando as possibilidades de interação humana, social e cultural. Ao mesmo tempo, notam-se o esgotamento das fontes de energia e de recursos naturais, a acelerada destruição da biodiversidade, a saturação da poluição e o aumento do aquecimento global e de desastres naturais que ameaçam inviabilizar a sustentabilidade da vida no planeta. Esse processo de degradação ambiental decorre em grande parte do modo de produção que vem se globalizando no mundo contemporâneo. Tal processo resulta também no agravamento das relações de desigualdade sociocultural e econômico-política, bem como das relações de sujeição e dominação entre povos e entre diferentes grupos socioculturais, legitimadas pelas concepções de mundo e de ciência predominantes.

Nesse contexto, verifica-se, de um lado, que o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico tem sido conduzido com base na rearticulação de estratégias hegemônicas de controle das instituições políticas e dos meios de comunicação, produção e circulação de mercadorias, que favorecem a acumulação privada e a restrição do acesso de grupos subalternizados aos bens culturais e materiais coletivos. De outro lado, constata-se articulações e manifestações da rede de movimentos socioculturais contra-hegemônicos, que promovem o avanço da consciência da diversidade humana e de políticas democráticas, bem como de estratégias de construção e implementação de condições justas e sustentáveis de convivência planetária.

Trata-se de superar as contradições entre projetos e contextos socioculturais e econômico-políticos, sem anular as potencialidades de cada um para promover a convivência e a interação crítica, solidária e criativa entre todos. Nessa busca, os estudos realizados pelos pesquisadores articulados na rede de pesquisa “Educação intercultural e movimentos sociais” (CNPq/UFSC) indicam a emergência de uma concepção crítica de sustentabilidade e de interculturalidade a partir da insurreição de múltiplos movimentos sociais, que enunciam uma perspectiva da descolonialização das relações socioculturais de poder e de saber, do ser e do viver.

É na esteira desses estudos que propomos discutir os desafios ecológicos para a educação científica e tecnológica, tendo em vista a fundação, no Brasil, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (2008), pois o debate sobre a educação em ciência, tecnologia e sociedade é uma necessidade incontornável, na medida em que os efeitos negativos das ações humanas sobre o ecossistema são cada vez mais visíveis e dramáticos.

Na seção *Enfoque*, do ponto de vista do *poder*, questionamos a lógica capitalista e apontamos para iniciativas que instalem relações democráticas fundadas na justiça social. Denunciamos o racismo inerente à epistemologia moderno-colonial, que subalterniza os saberes tradicionais e ancestrais em face da pretensa “universalidade” das “ciências”, evidenciando as complexidades, ambivalências e transversalidades interculturais. Apontamos para a inclusão ativa dos diferentes modos de ser de sujeitos, cujas diferenças étnicas, geracionais, sexuais, físicas e mentais têm sido historicamente subalternizadas ou marginalizadas. Consideramos, enfim, que a descolonialização do *viver* implica valorizar as cosmovisões dos povos ancestrais, articulando-as na perspectiva democrática da sustentabilidade.

A seção *Pontos de Vista* inicia-se com o artigo “Educação ambiental e sustentabilidade nos currículos nos cursos superiores dos institutos federais”, de Cristian Koliver, que analisa os projetos pedagógicos dos cursos de graduação da área de Tecnologia da Informação para verificar se a perspectiva interdisciplinar e se a questão da Tecnologia da Informação Verde estão presentes ou não nos currículos.

Os autores Cladecir Alberto Schenkel e Ana Maria de Oliveira Cunha, em seu artigo “Do multidisciplinar ao transdisciplinar: a formação em Gestão Ambiental em discussão”, com base em informações colhidas junto a coordenadores, professores, alunos e egressos de cursos superiores e profissionais de gestão ambiental, apontam que os currículos disciplinares tradicionais são predominantes e têm as maiores limitações para tratar das questões centrais da formação: instrumentos de gestão ambiental, olhar integrado, sustentabilidade e complexidade do conhecimento. Suas constatações nos instigam a discutir por que as instituições encarregadas da educação em ciência e tecnologia manifestam entendimentos tão restritos de educação ambiental, não obstante a importância dos desafios da sustentabilidade no mundo contemporâneo.

Assinalando uma emergência diferente, as autoras Sônia Fernandes, Idorlene Hoepers e Moema de Albuquerque no artigo “Educação, formação profissional e sustentabilidade: articulação do ensino com pesquisa” focalizam, na prática curricular dos institutos federais, a emergência de um paradigma pertinente à formação para a sustentabilidade socioambiental. Apresentam um estudo de caso de práticas